

CLARICE E LUCRÉCIA: OLHARES QUE TRANSFORMAM

Liliane Viana da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: pedrasdegelo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de discutir o estilo de escrita de Clarice Lispector e mostrar que algumas de suas características são presentes em quase todos os personagens de seus romances. O romance escolhido para o estudo é *A cidade sitiada* (1949), especificamente sua personagem protagonista Lucrécia Neves e seu olhar transformador. Abordaremos como o olhar específico de Clarice é transferido para a personagem Lucrécia, e como esta fixa seu olhar nas coisas corriqueiras do cotidiano, imagens, até então, não tão praticadas por outros escritores e assim despercebidas pelos leitores, porém que se mostram como ambientes ricos em imagens e cores que acerca da relação entre realidade e linguagem é capaz de captar e transmitir as sensações diante dos fatos e das coisas mais banais que aos olhos do humano são vistos como inferiores; sendo, assim, um dos diferenciais da escrita de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Literatura; Clarice Lispector; Estilo; Lucrécia Neves; Olhar.

Introdução

Revolucionando todo um passado de prisão sexual de gênero, a mulher surge na história em meio a uma das armas mais profundas que transforma gerações: a literatura. Esta foi e continua sendo uma das armas mais importantes para a emancipação intelectual da mulher; grandes nomes como Virgínia Woolf e Simone de Beauvoir estão em destaque entre os nomes literários femininos de todos os tempos.

Contrariando toda uma história de rígida submissão a papéis como esposa, mãe, dona de casa, a literatura foi escolhida pela mulher como a iniciação para essa libertação, e a pena como objeto escolhido para dar vida a desejos, opiniões e sensações que vinham sendo carregados desde a criação da humanidade.

Em se tratando da iniciação da literatura brasileira feita por mulheres uma grande diferença que existiu e ainda existe é a incorporação de ideias feitas a partir da palavra *feminismo*. O movimento feminista trouxe às mulheres conquistas reais que até então se passavam por pensamentos utópicos que fizeram com que as mulheres se inserissem na sociedade e tivessem o direito de estudar em universidades, trabalhar junto com os homens e ganhar o mesmo salário, ter o valor de votar e escolher seu representante, bem como, constituir-se uma representante também do seu povo.

Mas o movimento feminista não conseguiu chegar a todas as mulheres, surgindo assim um movimento antifeminismo que ressaltava que a feminista era vista como uma mulher rancorosa,

feia, mal-amada, ao contrário do termo *feminina*, dita como uma mulher bela, educada, dona do lar e ciente de suas responsabilidades. A partir daí esse embate é inserido na nossa cultura e algumas escritoras preferem não carregar em suas páginas esse título, dizendo apenas escrever. De acordo com a escritora Elódia Xavier, o termo “feminino despojadamente se refere ao sexo feminino, e, quando um livro é de autoria feminina, significa, apenas, que foi escrito por uma mulher” (XAVIER, 1991, p.11).

Se durante tempos a mulher procura deixar registrada sua voz em meio as suas ideias e pensamentos, a literatura foi a chave para este salto. De acordo com o Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras “A literatura, como sabemos, é um verdadeiro sismógrafo a registrar na nascente todos os movimentos de convulsão, revolução, imobilismo, etc., que através dos tempos, têm transformado as relações homem-mundo” (COELHO, 2002, p.17), e que para entendermos o hoje é preciso, primeiramente, entendermos o ontem, o tempo, as pessoas, as mulheres.

Diante do cenário de representações pelas quais passaram as mulheres nesses últimos séculos, redefinindo seu papel social, econômico e político, torna-se impossível não pensar que as vozes femininas dessas mulheres, sendo elas escritoras e/ou personagens, não repercutissem na literatura e no discurso delas mesmas.

Uma autora que deixou grande contribuição e continua sendo referência em relação a uma escrita nova na nossa literatura foi Clarice Lispector. Consagrada como a grande presença feminina no romance brasileiro, foi a partir de seus escritos que a “condição feminina passa a ser problematizada, pondo em questão a ideologia dominante. (...) as personagens femininas vivem conflitos interiores, que as tornam seres divididos, pulverizados diante dos mais variados papéis sociais a serem vividos” (XAVIER, 1991, p.15-16).

Sempre deixando bem claro que não se via como uma escritora, até mesmo para manter sua liberdade de escrita, Clarice nos presenteia com vários romances renomados. Publicando o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, em 1943, a escritora ganha, de uma forma bem particular, adeptos ao seu modo “diferente” de escrever. Intimista, escrita autodilacerada, prosa poética, o desejo do ser e personagens próprios do cotidiano vistos com anti-heróis são somente algumas de suas características que fogem à regra a tudo já produzido até então no Brasil. Clarice surge para quebrar paradigmas e mostrar outra forma de *escrever* e de *ver* a vida.

Antonio Candido (1970), em referência ao grande nome literário que acabara de surgir na literatura brasileira, relata que teve um grande choque quando leu *Perto do coração selvagem*, de uma escritora que para ele era até então desconhecida. Segundo o crítico, Clarice soube colocar “o problema do estilo e da expressão”, além de trazer à tona cenas do cotidiano, quebrando quadros da rotina e reinventando novas imagens. Ele ainda complementa em relação ao estilo da autora:

É desta maneira que Clarice Lispector procura situar o seu romance. O seu ritmo é um estilo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. (...) A narrativa se desenvolve a princípio em dois planos, alternando a vida atual com a infância da protagonista. (...) à atmosfera do livro, que parece dar menos importância às condições de espaço e tempo (...) O tempo cronológico perde a razão de ser. (CANDIDO, 1970, p.129)

Em relação ao espaço e tempo em suas obras, aparecem fragmentados em toda narração. Não se tem fielmente demarcações de lugares e tempo decorrido, há uma mistura em excesso que faz surgir algo novo, um novo olhar para a escrita.

O lustre (1946), seu segundo romance, cria-se em evidência o tempo interior da protagonista que entrelaça-se aos fatos externos ocorridos, ou seja, presente e passado são tratados dentro do mesmo espaço vivencial. De acordo com o crítico Benedito Nunes, nos dois primeiros romances de Clarice “desenha-se a figura nítida de uma errância exterior, no espaço, paralela à errância interior no tempo” (NUNES, 1995, p.27); as duas protagonistas destes romances (Joana e Virgínia) se aproximam pela intensidade de seus conflitos e suas inquietações, formando-as, assim, personagens cheias de frustrações e reflexivas ao mesmo tempo.

Abordar as personagens de Clarice é perceber que tais são vistas como esquisitas e construídas para o simples cotidiano defeituoso, cheio de vícios, perfeitamente real; porém, um ambiente rico em imagens e cores que acerca da relação entre realidade e linguagem é capaz de captar e transmitir as sensações diante dos fatos e das coisas mais banais que aos olhos do humano são vistos como inferiores. Somos levados a enxergar as coisas mais simples da vida e perceber que cada objeto, cada momento, tem o seu valor.

E é como esse olhar de *ver*, de *enxergar*, de *transformar* que abordaremos esse estilo fixo de mostrar pequenos detalhes do cotidiano corriqueiro de Clarice Lispector em *Lucrécia Neves*, personagem protagonista de seu terceiro romance.

Lucrécia Neves e seu olhar diferencial

A cidade sitiada (1949), terceiro romance de Clarice Lispector, promove a história de *Lucrécia Neves* que sonha em ir além dos muros imaginários de S. Geraldo, um subúrbio que está em processo de crescimento na década de 1920. Enquanto a sua saída do subúrbio não chega, *Lucrécia Neves* se divide em passeios e possíveis namoricos com *Perseu* que, assim como ela, é parte do subúrbio, e *Felipe*, o forasteiro militar. Vivendo de devaneio em devaneio *Lucrécia* vê no casamento o desejo de ser rica e a sua fuga de S. Geraldo para uma cidade grande, que acaba se concretizando com a sua união com *Mateus*, o comerciante forasteiro que não fincava raízes em

lugar nenhum. Em um processo de nostalgia do subúrbio, Lucrécia acaba voltando para a cidade natal com o marido que vem a falecer de ataque cardíaco. Vendo-se viúva se depara com uma nova possibilidade de fuga através de um novo casamento, deixando, novamente, o subúrbio de S. Geraldo e indo à procura de si mesma.

Lucrécia Neves, assim como as demais personagens de Clarice Lispector, é uma pessoa cheia de angústias, desejos e preocupações. O foco da narrativa não está em resolver os supostos problemas vividos pelas personagens, e sim, em se debruçar nas imagens apresentadas pelo cotidiano, imagens essas vividas e construídas pelo olhar da própria Lucrécia.

Ao lermos *A cidade sitiada* somos apresentados ao olhar de estranhamento de Lucrécia, que nos remete a sensações dúbias em relação a sua estadia no pequeno subúrbio. Lucrécia Neves é quem transforma, em forma de apresentação, o pequeno subúrbio de S. Geraldo, ou seja, essa transformação vem da forma como Lucrécia ver as coisas do dia-a-dia, imagens que passam despercebidas aos nossos olhos. As primeiras imagens destinadas ao pequeno subúrbio possuem relação com a função de ver da moça:

(...) tudo o que ela via era alguma coisa... A realidade precisava da mocinha para ter uma forma... Carroças passavam. A igreja batia os sinos. Cavalos escravizados trotavam. A torre da usina ao sol. Tudo isso podia-se ver de uma janela, farejando o ar novo. E a cidade ia tomando a forma que o seu olhar revelara... S. Geraldo era explorável apenas pelo olhar... ela debruçava-se sem nenhuma individualidade, procurando apenas olhar diretamente as coisas. (LISPECTOR, 1998, p. 21-22).

E que coisas são essas que tanto Lucrécia dava prioridade a realidade? São imagens que vão desde a própria caracterização de S. Geraldo com seus cavalos, carroças, baratas, esgotos com cheiro de peixe, salames pendurados nas lojas, bebedouros dos cavalos, até aos objetos íntimos como miçangas, colares, chapéus e os próprios bibelôs. Tudo o que é visto pela moça possui uma serventia, por isso merece ganhar o seu olhar.

É com esse olhar também renovador e transformador que achamos na escrita de Clarice Lispector. Dona de uma renovação que mexeu com o jeito de escrever e de ver a literatura, a escritora transporta para a personagem Lucrécia esse olhar que também é seu como pessoa “o primeiro grande susto que ela promove é o do ponto de vista. Ao abrir um livro de sua autoria, descortina-se aos olhos de quem lê, no mínimo, uma perspectiva inusitada... sob seu olhar agudo, o ínfimo parece cósmico; o silêncio, um estrondo” (OLIVEIRA, 2003, p.35-36).

Lucrécia é uma alegoria do subúrbio. Ela se transfigura no próprio lugar e se converte no espírito da cidade, uma imagem coisificada: “(...) a cidade era uma fortaleza inconquistável! E ela procurando ao menos imitar o que via: as coisas estavam como ali! E ali! Mas era preciso repeti-las.

A moça tentava repetir com os olhos o que via, tal seria ainda o único modo de se apoderar”. (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Somos puxados a enxergar, junto com Lucrécia, aos aspectos de uma vida provinciana. O rural e o urbano misturam-se tanto nas atitudes dos habitantes da pequena cidade como na sua descrição “Ao pôr do sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade” (LISPECTOR, 1998, p. 16). As dualidades do subúrbio são vistas durante toda a narrativa, focalizando o presente de uma cidade pequena e o futuro em forma de progresso.

Lucrécia é descrita como uma moça sem muita beleza que se vestia e se pintava para possíveis passeios, enquanto a sua saída de S. Geraldo não acontecia.

Lucrécia Neves não seria bela jamais. Tinha porém um excedente de beleza que não existe nas pessoas bonitas. Era basta a cabeleira onde pousava o chapéu fantástico; e tantos sinais negros espalhados na luz da pele davam-lhe um tom externo a ser tocado pelos dedos. Somente as sobrancelhas retas enobreciam o rosto, onde alguma coisa vulgar existia como sinal apenas sensível do futuro de sua alma estreita e profunda... parecia então, como o próprio subúrbio. (LISPECTOR, 1998, p. 35).

Através de Lucrécia a estátua da praça ganha forma, as cadeiras, o espelho, as janelas, o morro, as flores... ela tentava os imitar. Com sua imitação as coisas ganhavam forma e espaço na realidade “o segredo das coisas estava em que, manifestando-se, se manifestavam iguais a elas mesmas” (LISPECTOR, 1998, p. 69). A moça “quereria assim exprimir sua modesta função que era: olhar” (LISPECTOR, 1998, p. 75).

A partir desse olhar transformador de Lucrécia percebemos que a moça procura um lugar-seu, que segundo seu desejo encontra-se numa grande metrópole. Lucrécia é uma protagonista de características que chega perto do grotesco, distanciando-se das personagens com características de herói tão conhecidos na literatura. Isso torna as personagens de Clarice únicos, simples e complexos: “Os protagonistas das histórias de Clarice são compelidos, então, a uma dolorosa viagem introspectiva que resultará numa transformação íntima radical, de onde emergirão transformados, por vezes sem encontrar lugar ‘em seus próprios dias’” (OLIVEIRA, 2003, p. 38).

Antes do seu casamento e sua saída do subúrbio, a moça preenchia seus dias com passeios pela pequena cidade, em alguns momentos em companhia de seus “namoricos” com Perseu e Felipe. Este possuía a admiração de Lucrécia por conta da farda, de sua posição militar; admirava isso em um homem. Além de ser um forasteiro, ela era capaz de olhá-lo como uma fuga da realidade de S. Geraldo: “(...) Se o militar tivesse desejado, Lucrécia Neves se prenderia a ele, senão

pelo amor, ao menos por uma admiração sem limites em que era capaz de cair, aprofundando-se o que nela havia de doçura e de escuta – pois esta era a sua natureza. Mas o tenente não queria, ele era livre” (LISPECTOR, 1998, p.52). Talvez o que ela mais desejara em Felipe era a sua liberdade.

Perseu também era um habitante de S. Geraldo e mantinha um carinho incondicional pela moça. Perseu, assim como Lucrécia, era parte do subúrbio e, por isso, ele era visto por ela somente como uma boa companhia, tanto que o rapaz sabia o lugar que possuía no coração da moça. O rapaz a amava de verdade, talvez o único em toda a narrativa. Perseu não representava para Lucrécia a tão sonhada fuga de S. Geraldo.

Juntos realizavam os papéis de imitarem as coisas que representavam o pequeno subúrbio e que, segundo a concepção de Nunes (1995), ambos são vistos tanto como espectadores das coisas como também atores em espetáculos, prontos para serem observados, completando-se:

(...) Não importava o que tão animados se diziam: eles mesmos eram para serem vistos, como a cidade. E se alguém os visse de longe enxergaria um saltimbanco e um rei. Caminhar depressa os alegrava – o rei sorria e era belo, o saltimbanco se esforçava em caretas de graça: havia um descontrole mecânico no caminhar de ambos – eram uma só pessoa com uma perna curta e outra comprida, a beleza do rapaz e o horror, a flor e o inseto, uma perna curta e outra comprida subindo, descendo, subindo. Por vezes o rapaz parecia andar para a frente e a moça ao redor dele dançava: era quando ele sorria divino e puro, e Lucrécia Neves falava – e assim os outros viam (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Dessa forma entendemos que a função de imitar as coisas referente ao cotidiano, traduz-se na transformação dessa própria realidade. Essa *coisificação* tão encontrada na escrita de Clarice é também transportada ao olhar transformador de Lucrécia. Mais uma vez Nunes (1995) relata que existe interiormente um desdobramento em conflito, onde as relações entre Lucrécia e as coisas são percebidas através do conflito interno que acaba sendo externo também, conforme mostra os trechos abaixo:

Ela estava olhando as coisas que não se podem dizer. Certos arranjos de forma despertavam-lhe aquela atenção ôca: os olhos sem piedade olhando, a coisa deixando-se olhar sem piedade: um tubo de borracha ligado a uma torneira quebrada, o casaco pendurado atrás, o fio elétrico enrodilhando um ferro. Ver as coisas é que eram as coisas (LISPECTOR, 1998, p. 98).

Mesmo o erro era uma descoberta. Errar fazia-a encontrar a outra face dos objetos e tocar-lhes o lado empoeirado. Espiando. Porque alguma coisa não existiria senão sob intensa atenção; olhando com uma severidade e uma dureza que faziam com que ela não buscasse a causa das coisas, mas a coisa apenas. Severa, curta, rouca, real, mergulhada em sonho (LISPECTOR, 1998, p. 99-100).

O sentido de existir é transferido às coisas. Lucrécia, ao contrário dos demais personagens, possui um olhar interno de consciência que se antagoniza com o externo da realidade. Essa ação marcada pelo interior e exterior das personagens é bastante comum nos romances de Clarice. Ela é designada como errância, uma busca ou fuga ao longo de uma trajetória, passível de transformação e sofrimento.

Marcada por essa errância, a procura de Lucrécia Neves resultará na sua saída de S. Geraldo por intermédio de um casamento com um forasteiro de posses que a leva para a cidade grande. Passado um tempo longe do subúrbio ela sente não se encaixar nesse novo lugar “(...) vou embora daqui. Na esperança de que ao menos em S. Geraldo ‘rua fosse rua, igreja igreja, e até cavalos tivessem guizo’” (LISPECTOR, 1998, p.128). Fora do subúrbio o olhar de Lucrécia é perdido. É como se ela e o progresso não se identificassem, ou seja, o lugar-seu tão desejado não fora encontrado na metrópole.

Lucrécia é marcada por alguns papéis dentro da narrativa, ora moça namoradeira, ora jovem casada e ciente de suas funções. Achava que com o casamento e com toda a mordomia de mulher casada poderia esquecer a monotonia de S. Geraldo

(...) Se pensara que se aliando a um forasteiro, sacudir-se-ia para sempre de S. Geraldo e cairia na fantasia? Enganara-se. Caíra de fato em outra cidade – o quê! em outra realidade – apenas mais avançada porque se tratava de grande metrópole onde as coisas de tal modo já se haviam confundido que os habitantes, ou viviam em ordem superior a elas, ou eram presos em alguma roda. Ela própria fora apanhada por uma das rodas do sistema perfeito (LISPECTOR, 1998, p.121).

Por um bom tempo Lucrécia tentou se enquadrar a esse novo sistema perfeito, ou seja, às novas convenções que vêm junto com a grande metrópole; no entanto, percebeu que ela era só mais uma, entre vários, que também foram pegos pelas as rodas do sistema perfeito, e que as coisas, que tanto ela dava vida com seu olhar, não existiam naquela cidade grande. Ela finalmente voltara para S. Geraldo.

Lucrécia Neves encontra o pequeno subúrbio já em grande desenvolvimento, percebendo que o olhar que transformara o lugar não fora o seu:

Aproveitando sua ausência, S. Geraldo avançara em algum sentido, e ela já não reconhecia as coisas. Chamando-as, estas não mais respondiam – habituadas a serem chamadas por outros nomes. Outros olhares, que não o dela, haviam transformado o subúrbio. Também não espiava mais os bibelôs, estes às suas costas (LISPECTOR, 1998, p. 129).

Com sua volta a S. Geraldo ações foram sendo modificadas, como o momento de passear sozinha, as saídas com o marido como se fosse uma estrangeira na sua própria terra, o

comportamento sempre regulado; tudo para trazer felicidade ao marido. Suas ações estavam de acordo com sua posição de mulher casada. Buscava ser aquela mulher que sempre desejara, com roupas bonitas, jóias, idas a restaurantes e teatro, possuir uma casa bonita, um marido com posses.

Tentara manter todos esses luxos também na sua cidade natal. Uma boa estadia em S. Geraldo já lhe mostrava o quanto a cidade prosperava, todavia, o nosso aspecto físico da cidade com suas enormes mudanças anulava também, de alguma forma, a sua felicidade interna: “A beleza de tudo é que ela estava perdida que parecia guiada. Rica e perdida” (LISPECTOR, 1998, p.137). Ou seja, a tão sonhada riqueza não lhe garantiu total felicidade.

Com a transformação de S. Geraldo em uma possível cidade grande, algumas mudanças também foram sendo detectadas no comportamento de Lucrecia. É como se as coisas deixassem de ser especiais por não conterem mais o seu olhar e se misturassem ao progresso, modificando seu valor na realidade. Ela não possuía mais o mesmo olhar pelas coisas, e o progresso veio, assim como a correria de uma cidade grande, para afastar e causar estresse nas pessoas, afetando também a senhora casada.

Então saía sozinha, gozando do tráfego da cidade com sofrimento, prestando atenção em tudo: caminhos cheios de poeira e sol, as pessoas se cruzavam. Sua dificuldade tirava o interesse imediato das coisas, com esforço ela ia buscar longe o que existia, fazendo enormes e inúteis passeios de onde voltava exausta (LISPECTOR, 1998, p. 142).

Morando na nova S. Geraldo que não representava mais a sua antiga cidade, Lucrecia se tornava dura e irreconhecível em suas ações. Tudo o que um dia a representara ficou para trás, ela não era mais a mesma.

A última vez que Lucrecia voltou a possuir seu olhar imitador / transformador, foi quando seu marido, em uma de suas últimas viagens, acaba levando-a para uma casa na ilha, afastada da cidade. Nesse momento o olhar de Lucrecia voltar a imitar o novo ambiente, trazendo novamente o poder do olhar.

(...) Lucrecia cheirava o ar salgado, farejava com cuidado aquilo tudo que lhe pareceu de uma realidade fria e ligeira como de um córrego – e que tanto lembrava a silenciosa época anterior ao progresso de S. Geraldo. Uma casa leve, construída sobre terra arenosa; depois de alguns dias percebeu que também acordava de pele branca e cílios negros, toda em claro e escuro, tanto já começara a imitar a nova paisagem (LISPECTOR, 1998, p.145).

No final da narrativa o marido de Lucrecia vem a falecer de um ataque cardíaco, e a mesma volta à cidade de S. Geraldo. Nesse estágio, agora viúva, voltara a se transformar novamente. Atrás de alguma beleza, já que juventude não possuía mais, foi ao dentista e colocou dois dentes de ouro,

e tomava chá de olhos arregalados com o intuito de parecer mais moça. Até que recebeu a carta de sua mãe relatando que um homem, depois de olhar o seu retrato, ficou interessado em sua pessoa.

Após tal revelação Lucrecia mal tem tempo de fazer as malas e deixa S. Geraldo, num estado que, segundo Nunes, são típicos das personagens de Clarice “fugindo ou procurando, pois a fuga e a procura alternadas se tornam equivalentes, as figuras humanas de Clarice Lispector expõem-se à sanção e ao fracasso... perfaz-se como movimento de saída e de retorno” (1995, p.152-153).

Conclusões

Com o movimento de fuga e procura cria-se a complexidade de Lucrecia e seus antagonismos, assim como as demais personagens de Clarice Lispector. Nas próprias palavras da escritora ela relata que faz “livros comprometidos com o homem e a realidade do homem, porque realidade não é fenômeno puramente externo” (LISPECTOR, 1994, p.5). Aqui entendemos o porquê de Clarice ser tão intimista e se permitir enxergar imagens e momentos cotidianos tão despercebidos pelas pessoas, mas que transmitem, de modos bem particulares, a verdadeira essência entre a vida e o viver.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo, Escrituras Editora, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **O primeiro beijo & Outros contos (antologia)**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Fênix das palavras. In: **Discutindo Literatura**. São Paulo, ano 3, n. 14, 2003, p. 34-42

XAVIER, Elódia. **Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.